

nara roesler

co/respondências:
brasil e exterior
curadoria luis pérez-oramas

antonio dias / jannis kounellis
jonathas de andrade / sheroanawe hakihiwe
brígida baltar / asuka anastacia ogawa
cristina canale / margot bergman
paulo bruscky / robert filliou
sérgio sister / john zurier
daniel buren / fabio miguez

nara roesler nova york
abertura 22 de junho, 2023
exposição 22 de junho – 26 de agosto



co/respondências: brasil e exterior

luis pérez-oramas

Co/respondências: Brasil e Exterior é uma exposição coletiva em que obras de grandes artistas brasileiros representados pela Nara Roesler dialogam com obras de importantes artistas internacionais, não necessariamente vinculados ao Brasil, por meio de ressonâncias mútuas – formais, estruturais, temáticas, biográficas ou históricas.

Através de justaposições de obras cuidadosamente pensadas, que apresentam simultaneamente semelhanças e diferenças, mesmo que mínimas, a exposição pretende destacar que a arte é, e sempre foi, global, constituindo-se como um campo de afinidades potenciais ilimitadas, para além de contextos e cronologias.

Enfatizando a afinidade sobre a genealogia, *Co/respondências: Brasil e Exterior* é um exercício de pensamento selvagem (*pensée sauvage*) de Claude Lévi-Strauss que, à semelhança da bricolagem, procede por associação e serialidade heteróclita. Consiste, portanto, em assumir o fato de que todo o pensamento possui uma "potencialidade selvagem", quando liberto da necessidade utilitária de produzir riqueza.

A mostra tem uma "entrada simbólica", uma espécie de frontispício visual, na justaposição de uma obra de Jonathas de Andrade relativa a um projeto desenvolvido coletivamente pelo artista com a comunidade indígena brasileira Kayapó (Terra de Mengkragnoti, Sul do Pará) face a um conjunto de desenhos do artista venezuelano-Yanomami Sheroanawe Hakihiiwe.

Essa história da arte – na sua forma mais canônica – parece um medo descontrolado do próprio pensamento analógico em que se baseia a sua epistemologia, tentando sempre conter os seus efeitos com cerceamentos disciplinares, confirmando que foi sequestrada pela tirania do logocêntrico.

Mas as práticas artísticas curatoriais contemporâneas podem extrair do pensamento ameríndio uma lição monumental sobre o significado da analogia. A cosmologia ameríndia sustenta-se na afinidade e na troca, mais do que no parentesco ou na procriação. Trata-se de uma perspectiva não genealógica do mundo. Para ela, qualquer justaposição não passa de um caso particular do múltiplo e a realidade só é feita de multiplicidades, uma certeza que se opõe à

Nara Roesler agradece especialmente as seguintes galerias que gentilmente participaram no empréstimo de obras, tornando esta exposição possível:

Galería ABRA
Peter Blum Gallery
Blum & Poe
Peter Freeman Inc.
Gladstone Gallery
Anton Kern Gallery

obsessão logocêntrica pelo Um. Porque o Um, como diria um xamã ameríndio, é sempre o Mal.

A história da arte, o pensamento artístico, a crítica de arte e o pensamento curatorial podem inspirar-se nessa perspectiva para ver de novo – nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro – "intervalos minúsculos, periodicidades breves, repetições rapsódicas, modelos analógicos, deformações contínuas, desequilíbrios perpétuos, dualismos que se dividem em semi-triadismos e se estilhaçam, sem aviso, numa multidão de eixos transversais de transformações".

Partindo dessa lição, *Co/respondências: Brasil e Exterior* propõe um conjunto de agrupamentos entre vários artistas, seguindo racionalidades analógicas diversas: correspondências poéticas não intencionais [De Andrade e Hakihiiwe ou Brígida Baltar e Asuka Anastacia Ogawa]; semelhança dentro da diferença, através de amizade e abordagens de meios semelhantes

[Sergio Sister e John Zurier]; ou ressonâncias poéticas e históricas, baseadas em estéticas compartilhadas ou serialidade transformacional [Antonio Dias e Jannis Kounnelis, Paulo Bruscky e Robert Filliou, Daniel Buren e Fabio Miguez ou Cristina Canale e Margot Bergman].

O espaço da galeria, emancipado das exigências formais da academia e dos museus, pode ser um lugar de experimentação curatorial, uma coordenada para a bricolagem analógica e a "pensée sauvage", um pretexto ideal para licenças poéticas a fim de mostrar uma arte desprovida de teatralidade programática.

Por que não tomar então emprestado as Correspondências de Baudelaire?: "No templo da Natureza, erguem-se colunas vivas, / Falando por vezes em palavras de sentido abstruso; / O homem caminha por bosques de símbolos, escuros e densos, / Que o olham com olhos carinhosos e familiares".



Antonio Dias foi o único artista brasileiro (e latino-americano) que participou do início do movimento que ficou conhecido como Arte Povera. Enquanto vivia na Europa, foi expulso da França por sua participação nos eventos de Maio de 1968 e partiu para a Itália, onde o crítico de arte Tommaso Trini o apresentou a Alighiero Boetti e ao trabalho de seus colegas: Luciano Fabro, Enrico Castellani, Giulio Paolini, Gilberto Zorio, Jannis Kounellis, etc. Participou depois, ao lado destes, em várias das exposições seminais dedicadas à Arte Povera. A justaposição das suas obras celebra esse momento de transformação, recordando a ligação significativa entre estes dois grandes protagonistas da arte do século XX, pela primeira vez desde o início dos anos 1970.

[mais sobre antonio dias →](#)

Antonio Dias
Sem título, 1985
grafite, madeira
e borracha sobre tela
194,7 × 129,1 × 108,5 cm

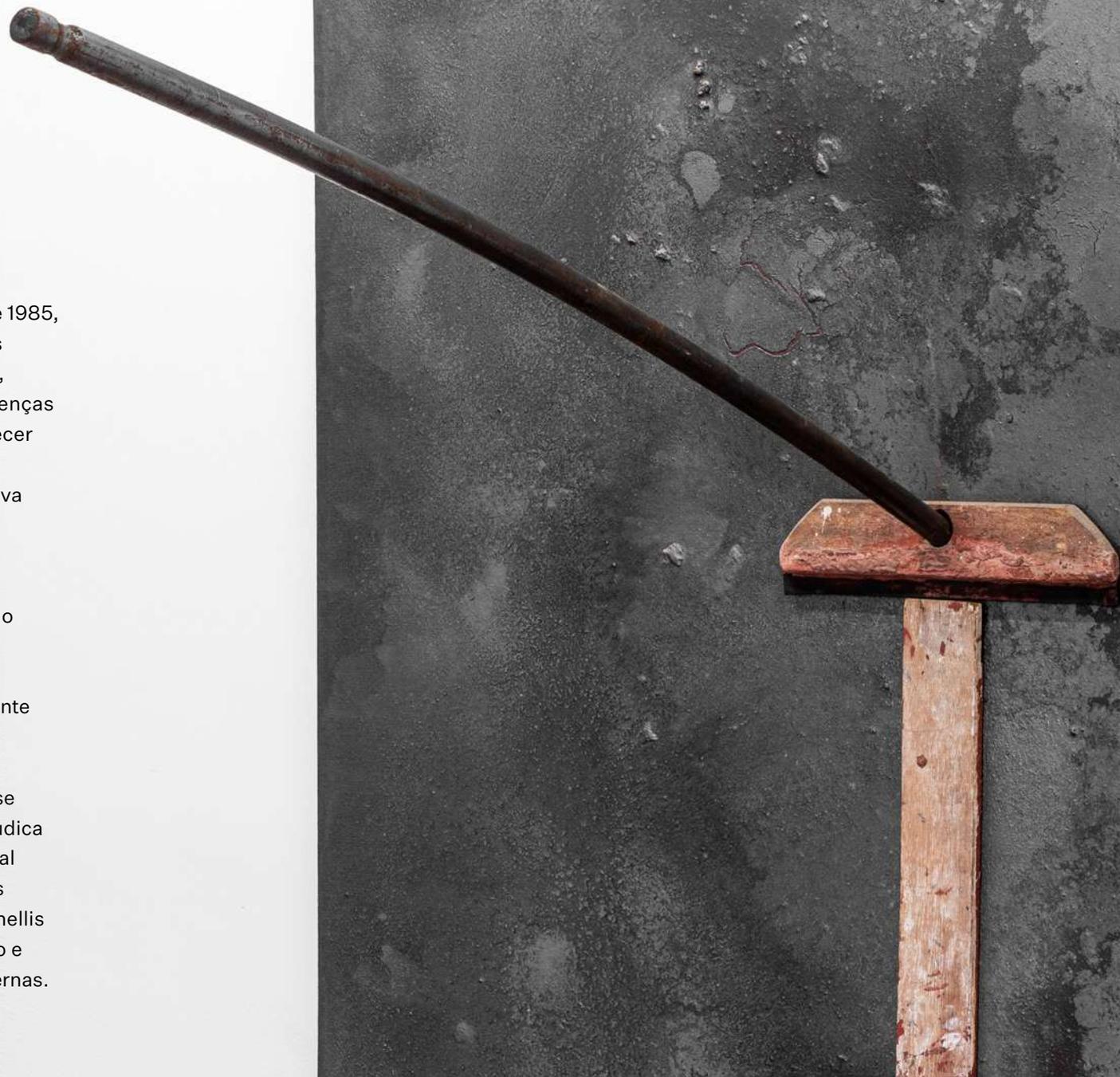
Realizada e constituída em Nova York em 2013, enquanto vivia temporariamente no Brooklyn, a composição teatral de Kounellis, constituído por objetos vintage de vidro instalados sobre um fundo imponente de aço industrial, aborda as tensões entre o industrial e o doméstico, a novidade técnica do aço opondo-se à dimensão prática dos utensílios comuns, sublinhando a sua fragilidade contra a aspereza dura do cenário de ferro. Um "tableau vivant", uma pintura viva, o cenário de Kounellis evoca a tradição da natureza-morta, embora descontextualizada.

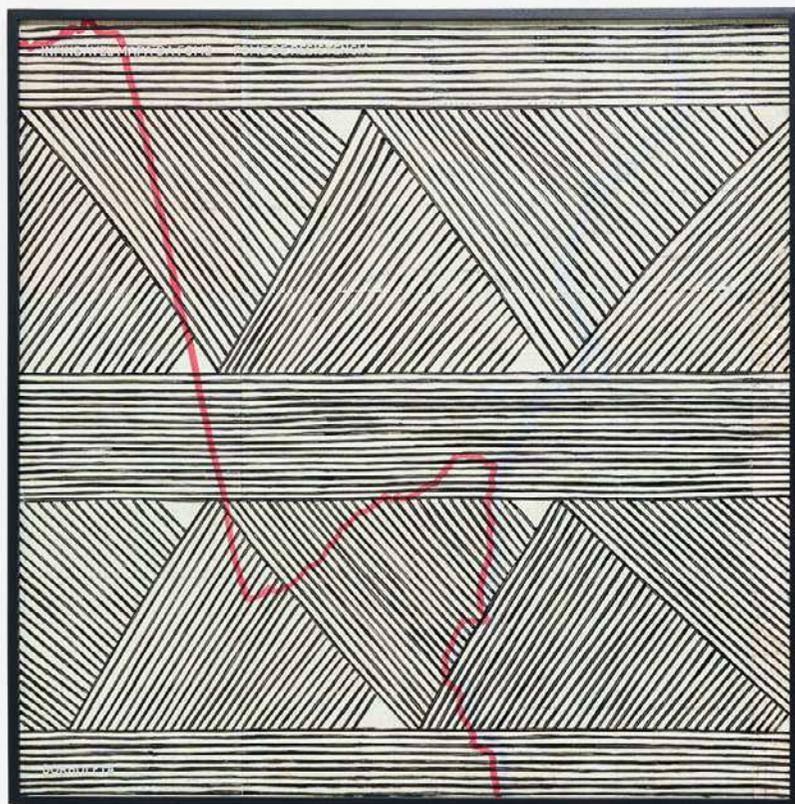
mais sobre jannis kounellis →



Jannis Kounellis
Sem título, 2013
ferro e vidro
200 x 180 cm

A obra *Sem título*, de Antonio Dias, de 1985, ecoa a instalação de Kounellis através da cor e da materialidade. No entanto, sua afinidade está embutida nas diferenças menos aparentes. Embora possa parecer uma instalação, o trabalho de Dias é uma pintura. Em 1985, o artista estava renovando sua prática artística como pintor depois de experimentar meios mais efêmeros. Para além do fato de Dias e Kounellis terem se conhecido e participado juntos em inúmeras exposições no auge do movimento Arte Povera, seus trabalhos são claramente diferentes dentro de suas afinidades. Dias sublinha a inutilidade da poética dos materiais encontrados e, embora se baseie na abstração, evoca de forma lúdica a representação: uma presença residual misteriosa e enigmática, opondo-se às relíquias auráticas no trabalho de Kounellis que captam a própria ideia do estranho e a textura fragmentária das ruínas modernas.



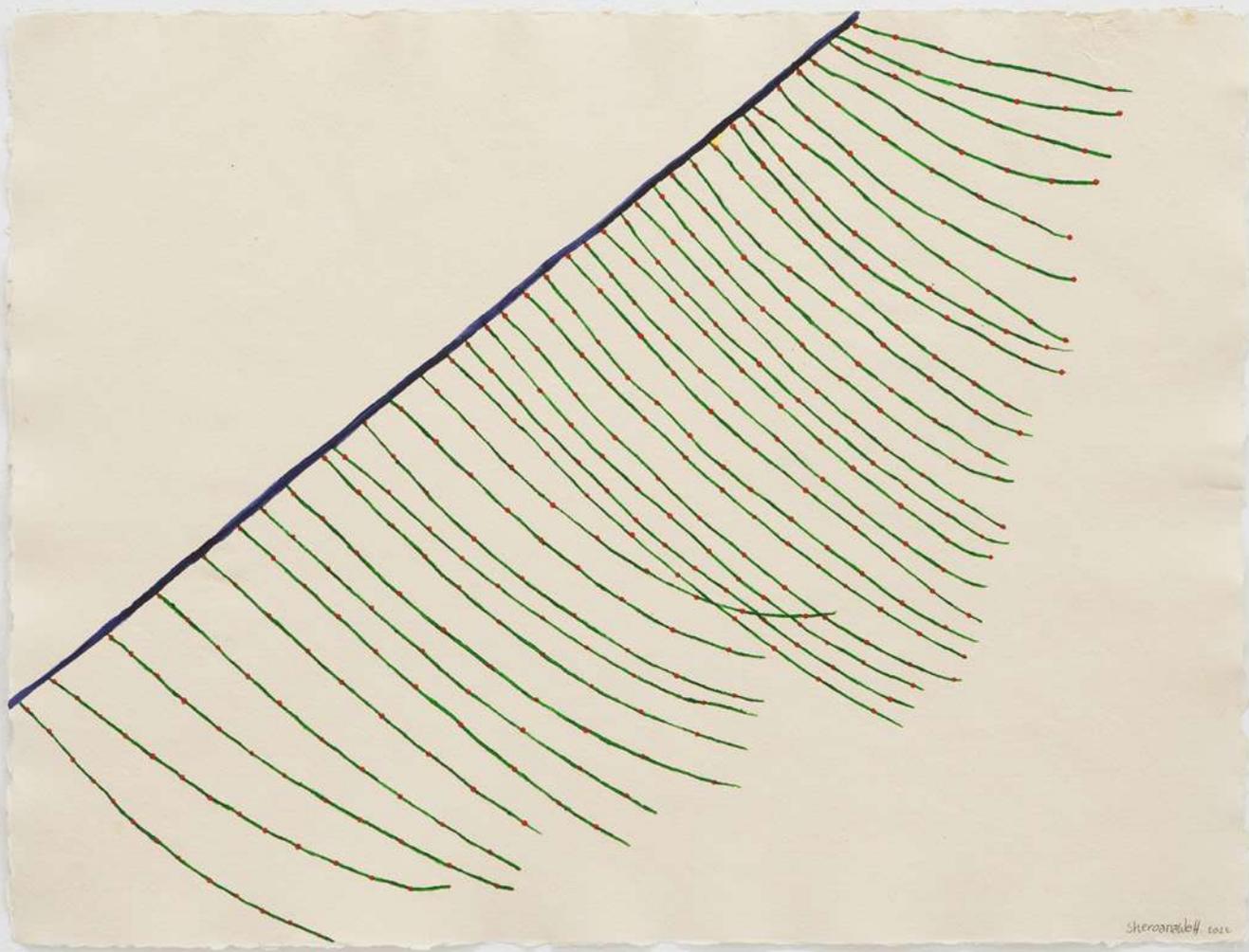


Jonathas de Andrade
A Mão Kayapó Menkragnoti,
da série *Infindável*
Mapa da Fome, 2019–2020
mapa pintado com tinta acrílica
e fotografia da mão Kayapó
impressa em papel algodão
2 partes de 85 x 85 x 4 cm (cada)

Em 2019, como parte de uma série de trabalhos intitulada *Fome de Resistência*, Jonathas de Andrade desenvolveu um projeto coletivo com membros da comunidade indígena Kayapó, que ocupa o território conhecido como Menkragnoti, na região brasileira do Sul do Pará. Entre os anos de 1970 e 1990, o governo brasileiro encarregou o exército de desenhar as cartografias territoriais da região. De Andrade convidou os membros da comunidade Kayapó a desenhar a sua própria iconografia pictográfica e idiossincrática, muitas vezes extraída das suas pinturas corporais, sobre os mapas definidos pelos representantes da violência do Estado: o exército e as autoridades territoriais, indiferentes às formas indígenas de identificar a sua própria terra. O resultado são obras em que a riqueza dos desenhos Kayapó recobre fragmentos de cartografia, restituindo simbolicamente a soberania sobre o próprio território. Mostrada aqui em forma de díptico, ao lado de uma foto da mão da mulher Kayapó que fez o desenho, esta obra encontra um eco revelador nos desenhos feitos pelo artista venezuelano-Yanomami Sheroanawe Hakihiiwe.

[mais sobre jonathas de andrade →](#)

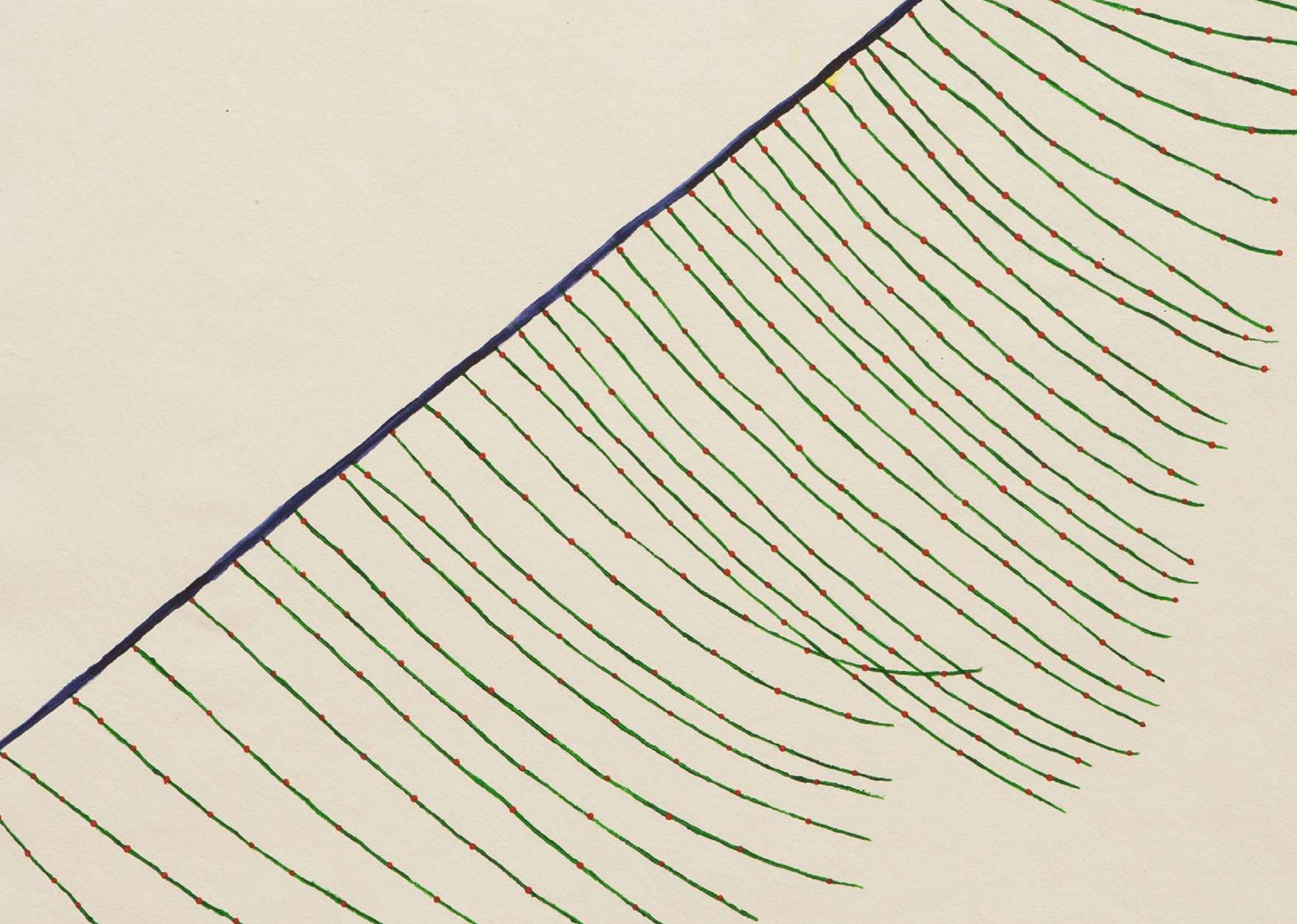


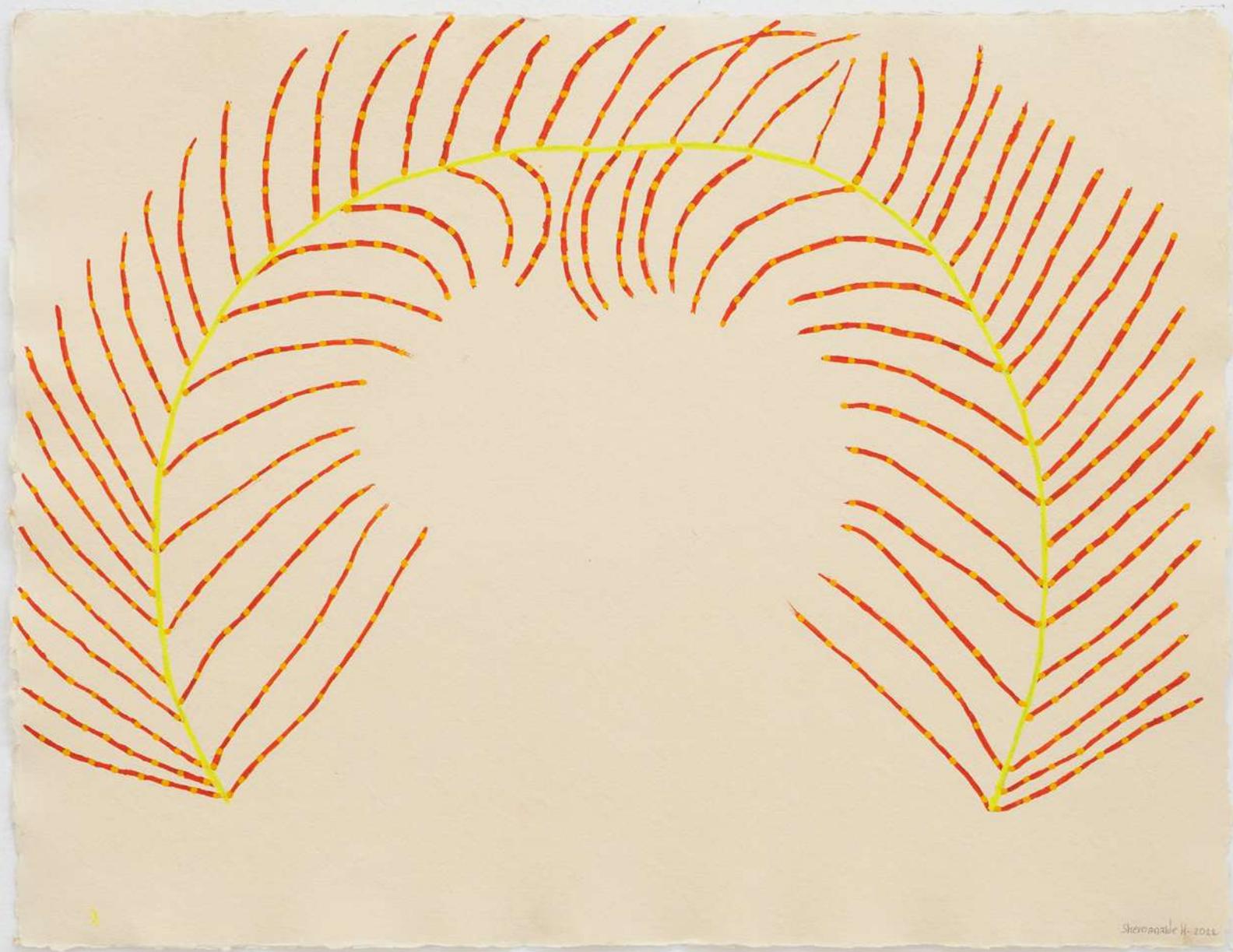


Hakihiwe, um artista Yanomami emergente que já recebeu uma recepção internacional notável, começa por compor os seus desenhos em papel artesanal feito por ele próprio, na Amazônia venezuelana, representando símbolos e marcas usadas nas decorações corporais ancestrais dos Yanomami. O ornamento corpóreo transforma-se em obras bidimensionais que se destacam pela beleza esquemática, pela brilhante marcação repetitiva e pelas impressionantes estruturas coloridas. Justamente rotulada pelo etnógrafo Pierre Clastres, em 1971, como "a última sociedade primitiva livre da América do Sul e, sem dúvida, do mundo", a cultura e a cosmovisão Yanomami se traduzem nas obras de Sheroanawe Hakihiwe através de sua lógica visual de agrupamentos, enfatizando as multiplicidades como elemento central da realidade.

[mais sobre sheroanawe hakihiwe →](#)

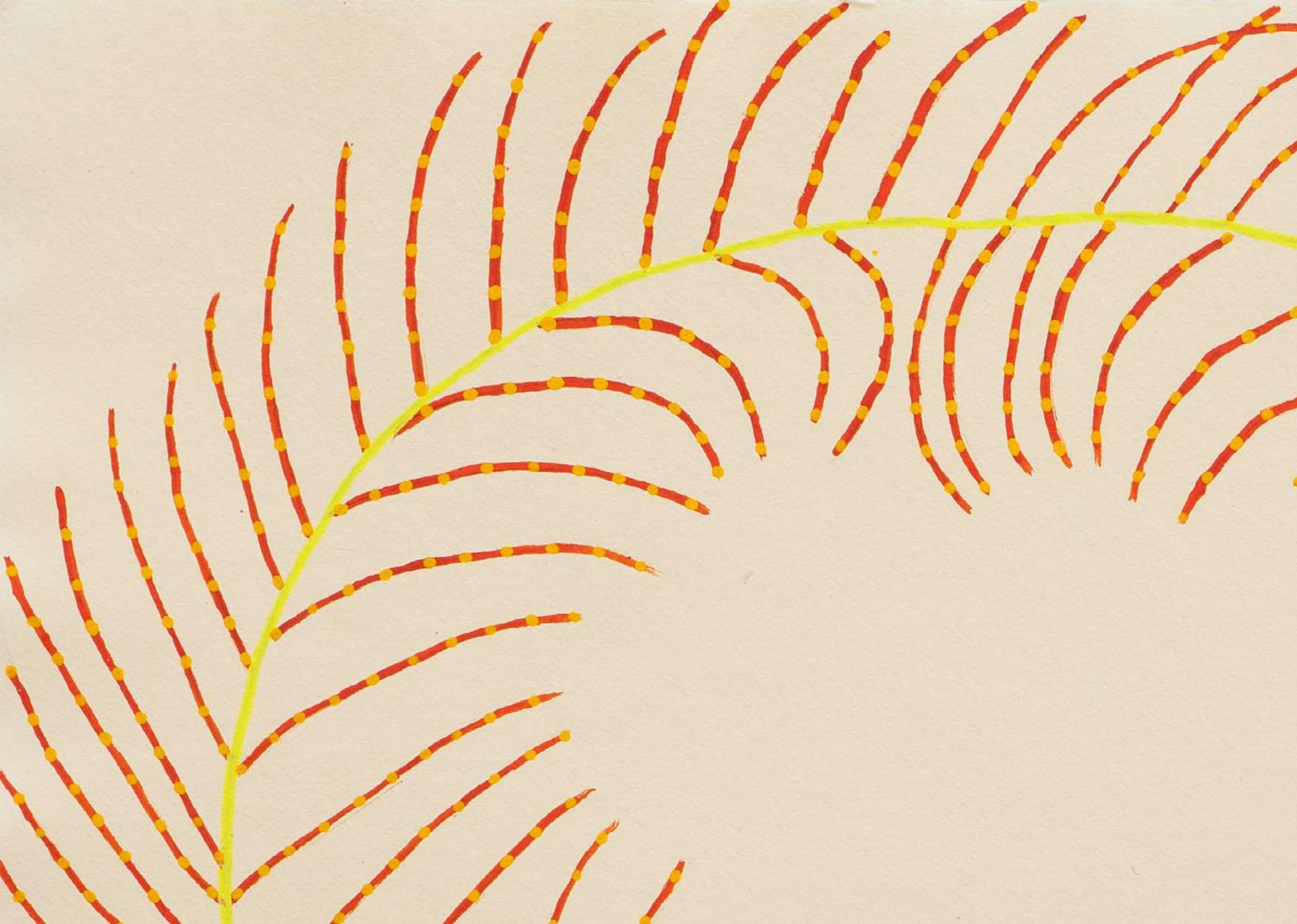
Sheroanawe Hakihiwe
Hayakawe siki
(*Palmera hayakawe*), 2022
tinta acrílica sobre papel de algodão
51 x 69 cm

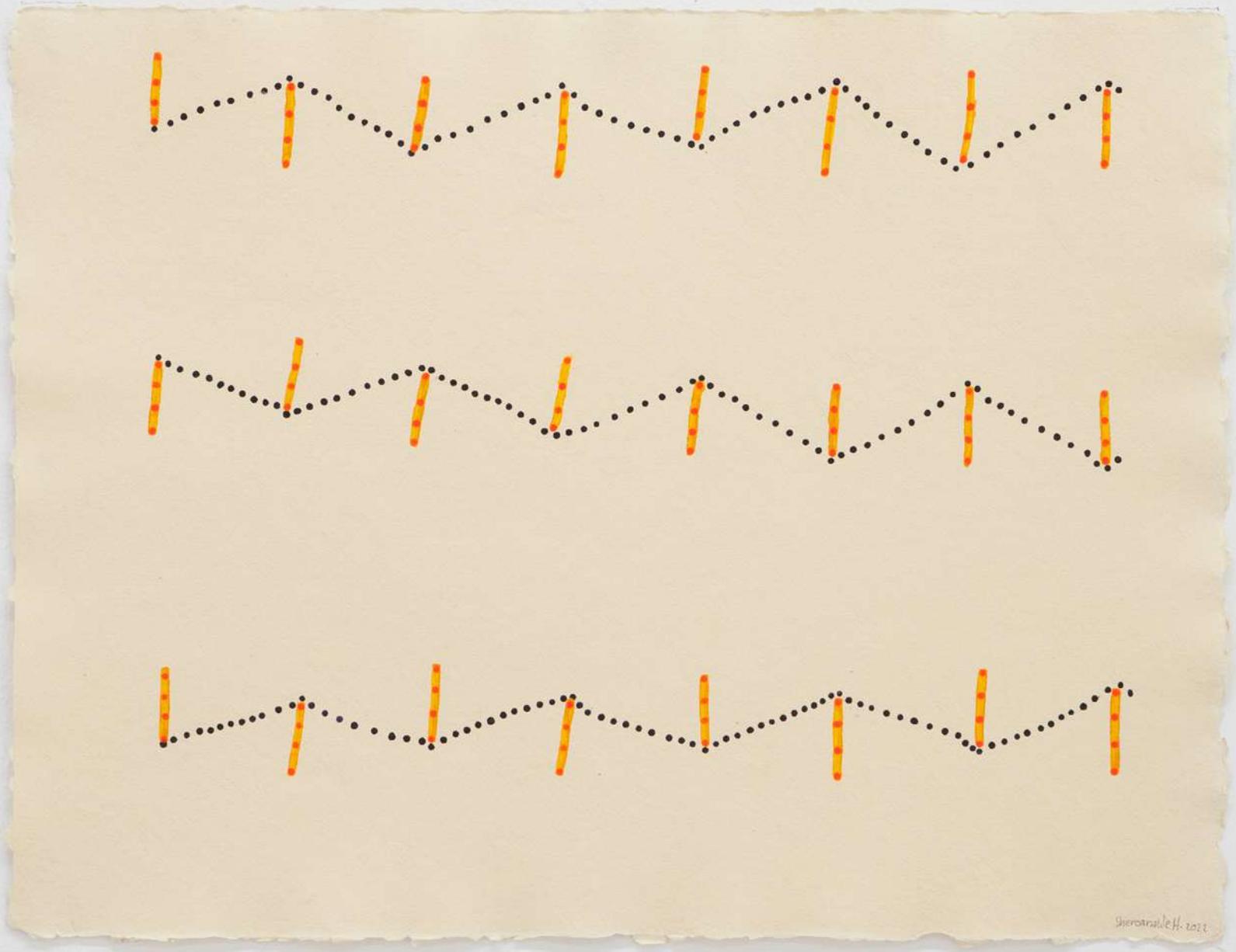




Sheroanawe H. 2022

Sheroanawe Hakihiiwe
Masiko wake wake
(*Palmera roja*), 2022
tinta acrílica sobre
papel de algodão
51 x 69 cm





Sheroanawe Hakihiwe
Tope mamsipi
(*mostacillas sueltas*), 2022
tinta acrílica sobre
papel de algodón
51 x 68 cm



Sheroanawe Hakihiiwe
Hoko siki shekerewe
(*Palmera doble*), 2022
tinta acrílica sobre
papel de algodón
69 × 51 cm





Brígida Baltar
*Sem título, da série
Casa de Abelha, 2002*
tinta de esferográfica
azul sobre papel
29,7 × 21 cm



Brígida Baltar
*Sem título, da série
Casa de Abelha, 2002*
tinta de esferográfica
azul sobre papel
29,7 × 21 cm



*Sem título, da série
Casa de Abelha, 2001*
tinta de esferográfica
azul sobre papel
29,7 × 21 cm

Brígida Baltar, grande artista brasileira da virada do século, precocemente falecida, pode se tornar um nome referencial nas Américas. O seu trabalho, que combina ações efêmeras, vídeos, desenhos, tecelagens, cerâmicas, esculturas e instalações, gira em torno do seu próprio corpo, da sua feminilidade, dos seus abrigos, das noções de casa e de paisagem. São conhecidos os desenhos de Baltar feitos com pó de tijolo da sua casa no Rio, mas a artista também abordou o desenho com meios mais convencionais e menos efêmeros. É o caso das representações marcantes que fez no início dos anos 2000, na série de trabalhos intitulada *Casa de Abelha*. Combinando representações do seu próprio corpo com estruturas em forma de favo de mel – sublinhando o hibridismo e a ambiguidade espacial – as suas obras ressoam de forma notável juntamente com a iconografia estranha e mítica de Asuka Anastacia Ogawa.

[mais sobre brígida baltar →](#)

Brígida Baltar
*Sem título, da série
Casa de Abelha, 2001*
tinta de esferográfica
azul sobre papel
29,7 x 21 cm





Brígida Baltar
Sem título, 2000
tinta de esferográfica
azul sobre papel
26,4 × 19 cm



Brígida Baltar
*Sem título, da série
Expedição do Amazonas*, 2006
tinta de esferográfica azul sobre papel
21 × 14,7 cm



Brígida Baltar
Sem título, 2000
tinta de esferográfica
azul sobre papel
26,4 × 18,4 cm



Brígida Baltar
Sem título, 2002
nanquim sobre papel
29,7 × 21 cm



Brígida Baltar
Sem título, da série *Coletas*, 2000
nanquim sobre papel
29 × 20,2 cm



Brígida Baltar
Sem título, da série *Coletas*, 2001
blue ballpoint ink on paper
29,7 × 20,9 cm



Ogawa, uma artista japonesa e afro-brasileira emergente, aborda cenas andróginas, quiméricas e míticas frequentemente habitadas por crianças racializadas. A estranheza, as narrativas herméticas e a intimidade poética estão presentes de forma marcante nas obras de Brígida Baltar e Asuka Anastacia Ogawa, e a sua afinidade iconográfica é tão surpreendente quanto sedutora.

[mais sobre asuka anastacia ogawa →](#)

Asuka Anastacia Ogawa
Sem título, 2023
tinta acrílica sobre tela
76,5 x 61 cm

foto: Hannah Mjolsnes
© Asuka Anastacia Ogawa, Cortesia do artista
e Blum & Poe Los Angeles/Nova York/Tokyo



Margot Bergman e Cristina Canale têm, nas últimas décadas, abordado o retrato segundo um conjunto de características muito específicas: ambas se interessam por retratar rostos de mulheres, sujeitos imaginários e muitas vezes frontais. Bergman, uma pintora experiente e referencial cujo trabalho se desenvolve desde o início dos anos 1970, atingiu o auge de sua obra e o reconhecimento da crítica no final da sua carreira, a partir dos anos 1990. Dois temas se destacam em sua produção: a paisagem e a representação de rostos femininos, inicialmente concebidos como pinturas por cima de pinturas anônimas encontradas em feiras livres.

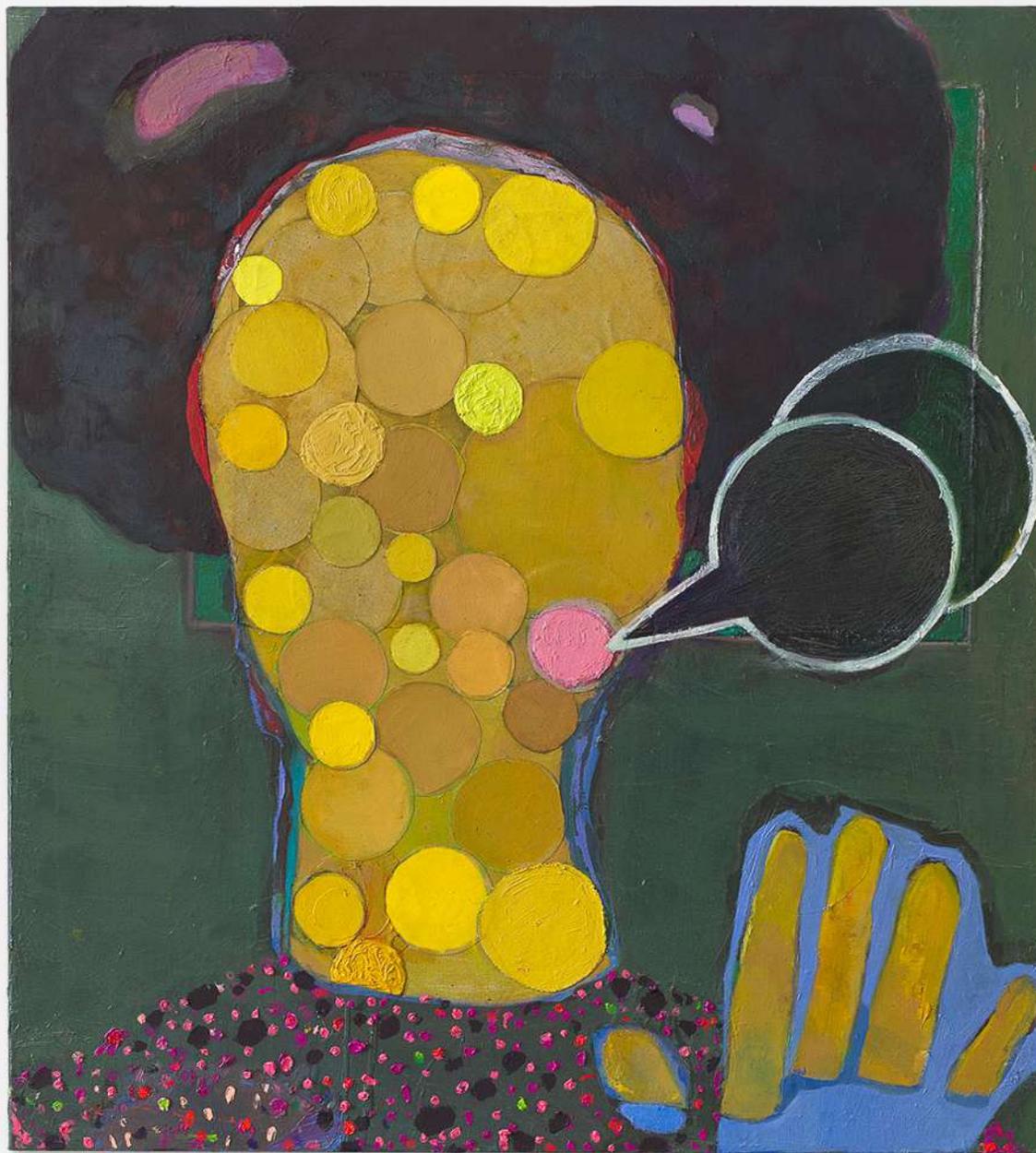
[mais sobre margot bergman →](#)



Margot Bergman
Margaret, 2017
tinta acrílica sobre tela
121,9 × 91,4 cm



Cristina Canale
Teach (Fessora), 2023
técnica mista sobre tela
110 × 100 cm





Cristina Canale, uma das principais pintoras figurativas brasileiras, partilha com Bergman a afinidade com a paisagem e os rostos, representados isoladamente ou entrelaçados, em obras extremamente bem compostas e coloridas. Ambas são mestres do estranho, e o seu imaginário pode partilhar referências semelhantes – Surrealismo, Arte Bruta, Magritte. Enquanto Bergman consegue uma representação psicológica profunda e nítida das suas mulheres imaginárias, Canale tende a apagar as suas feições, substituindo-as por elementos construtivos. Em ambos os casos, aqui pela primeira vez justapostos, a acuidade do olhar nos olhos do sujeito de Bergman ecoa as múltiplas figuras oculares que preenchem e apagam inteiramente o retrato de Canale. Um par de discursos em balão em Canale e um par de lábios em eco na peça de Bergman sugerem os modos indiretos da pintura de representar o que o retrato esconde: a linguagem humana e o som das vozes.

[mais sobre cristina canale →](#)

"A arte é o que torna a vida mais interessante do que a arte" – uma frase famosa dita por Robert Filliou – pode ser um programa partilhado tanto por ele como por Paulo Bruscky. Ambos os artistas foram membros ativos do Fluxus, uma expressão global do conceitualismo que dava prioridade a obras processuais, à arte postal e à troca constante, a ações

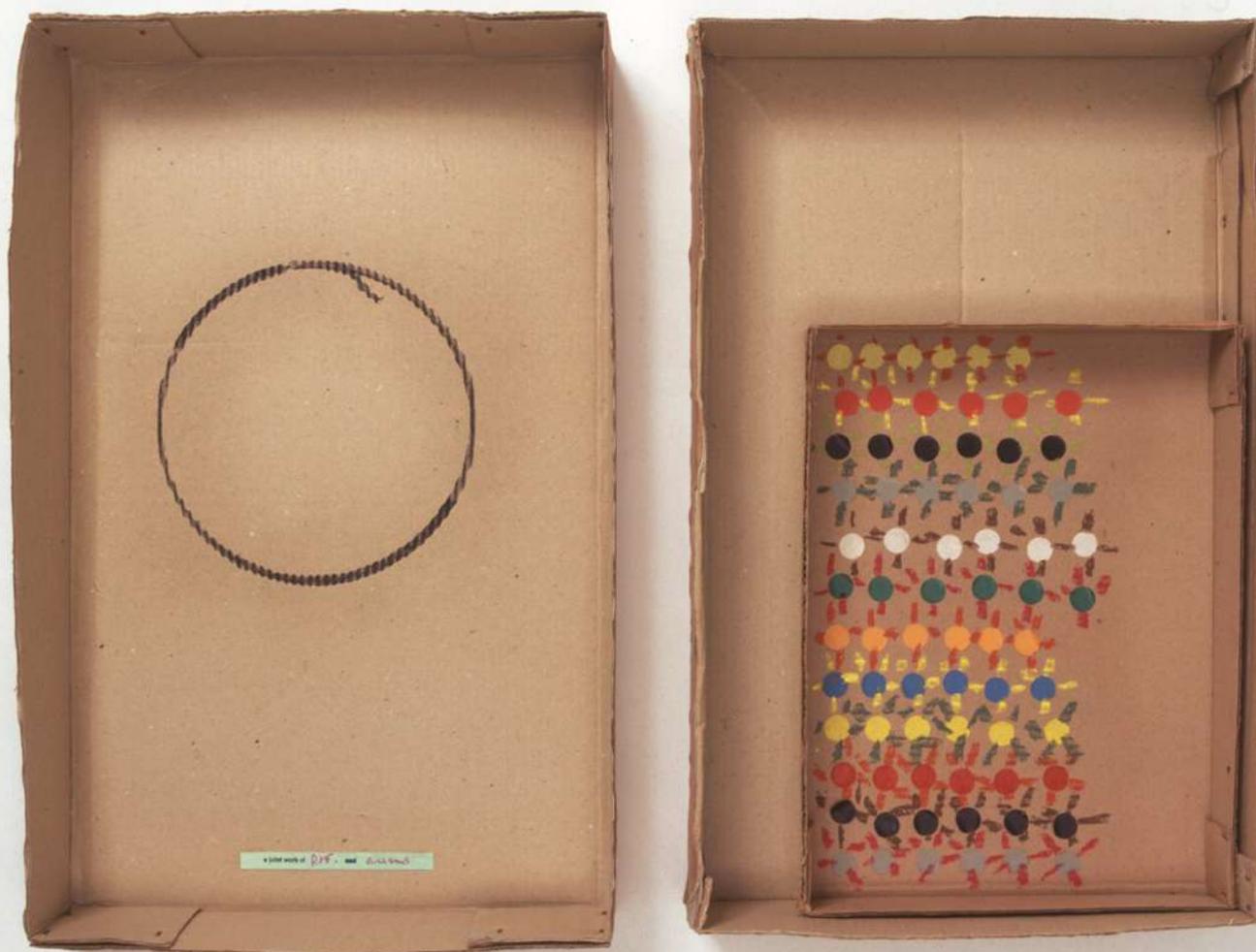
performativas-participativas e – quase programaticamente – à realização inacabada para assinalar que a arte não é mais do que um fragmento da "Criação Constante da qual o universo é apenas um produto". Bruscky e Filliou não só trocaram obras e ideias, mas a sua produção também partilha uma afinidade com o efêmero, o material impresso, a fotografia, o retrato e o autorretrato.

mais sobre paulo bruscky →



Paulo Bruscky
*Artistas achados
e apropriados, 1980/2017*
técnica mista
dimensões variáveis

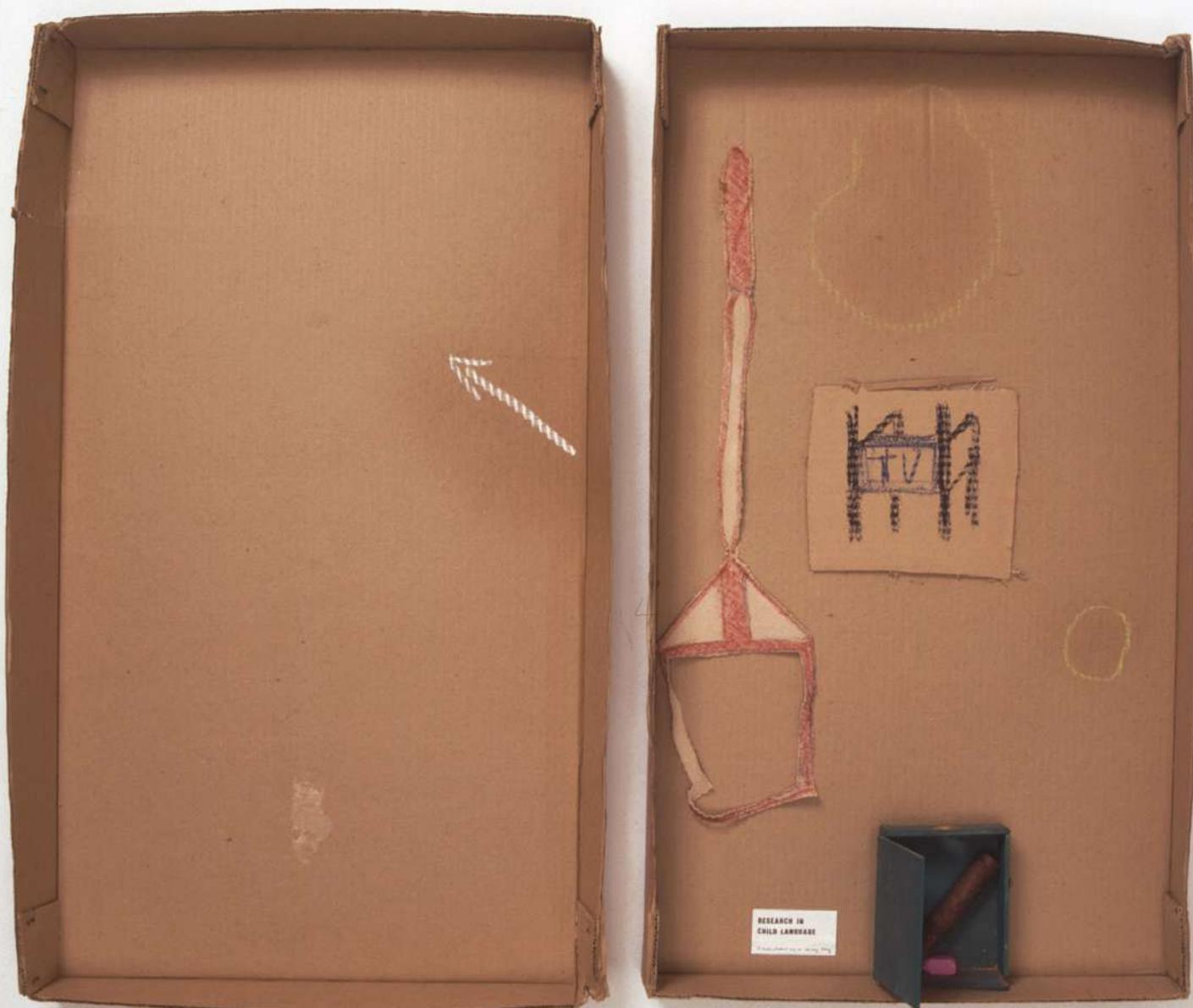




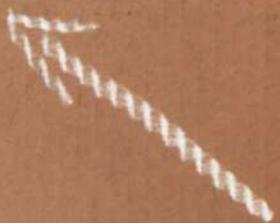
Duas figuras imponentes da arte como ideia e do Fluxus, Bruscky e Filliou questionam incessantemente a arte nas suas obras: a sua identidade e função, ao mesmo tempo que contextualizam a sua prática no fluxo da vida. O seu sentido de humor, o seu amor pela leveza e o efêmero colocam sua produção no próprio domínio da poesia: poiesis visual e experimental. Muitas vezes, suas obras incluem a assinatura dos artistas sob a forma de citações irônicas e políticas e, como uma constante, ambos não se coibiram de reconhecer referências históricas da arte na sua produção, muitas vezes de forma satírica, como nas obras aqui apresentadas. A certeza de que a arte existe dentro do fluxo normal da vida – e não como uma exceção da vida – é óbvia nas obras expostas: A investigação de Filliou sobre a linguagem infantil e o seu (Mensonge) Verité de la palisse #1, onde se refere explicitamente ao cubista Fernand Léger. Da mesma forma, desde o início dos anos 1980, Bruscky coleciona objetos banais que imitam, ecoam, assemelham-se ou evocam o trabalho dos mais famosos artistas internacionais e brasileiros do século XX. A sua instalação histórica, ainda em processo, intitulada Artistas Encontrados e Apropriados, ecoa perfeitamente o trabalho de Filliou e sublinha a capacidade da vida de se tornar, a qualquer momento e por qualquer meio, arte.

Robert Filliou
A joint work of RF and Suns, 1973
papel colado e papel cartão,
em duas partes
66,7 x 43,2 x 11,1 cm

[mais sobre robert filliou →](#)

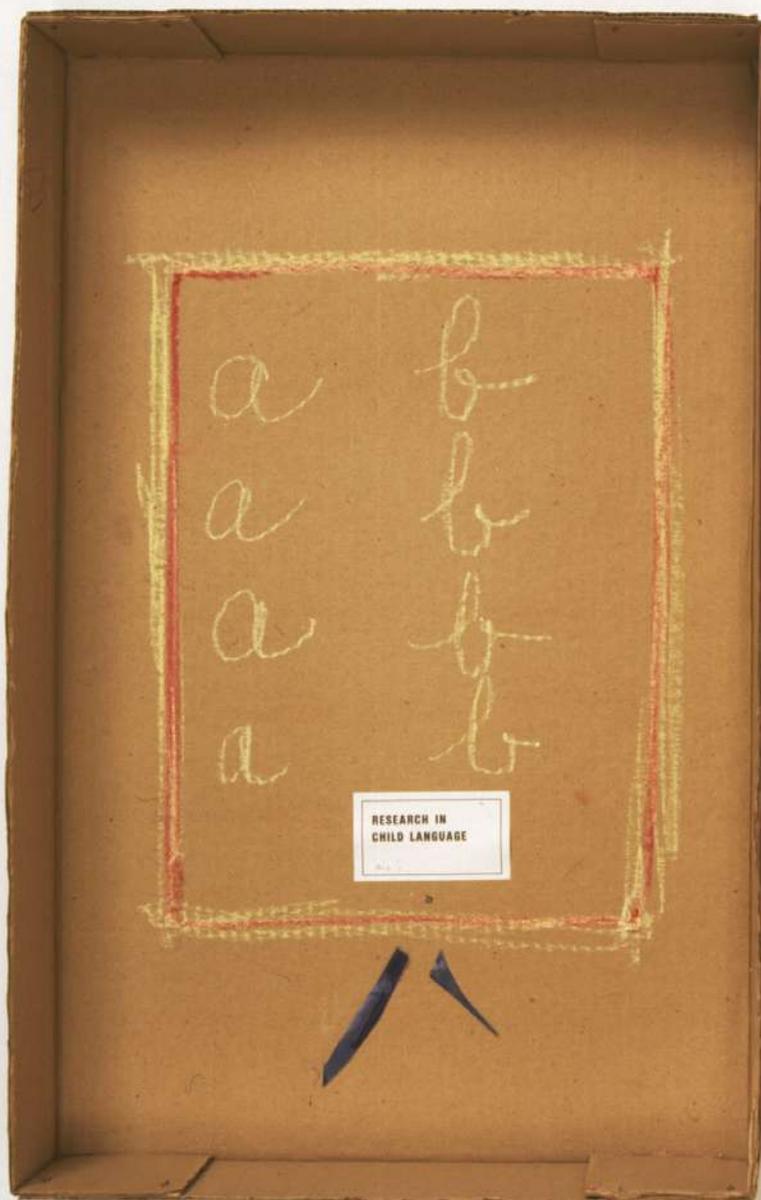


Robert Filliou
Research in child language, 1973
caixa de papelão em duas partes
com papel colado, caixa de madeira,
charuto, giz, tecido e pastel
75,5 × 45,2 × 6 cm



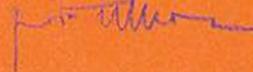
RESEARCH IN
CHILD LANGUAGE
© 1963-1964 by the University of Chicago





Robert Filliou
Research in child language
(*aie!*), 1970-1971
grafite e tinta sobre papel colado,
pastel e gel de iluminação azul
sobre caixa de papelão,
em duas partes
54,6 × 34,9 × 8,9 cm

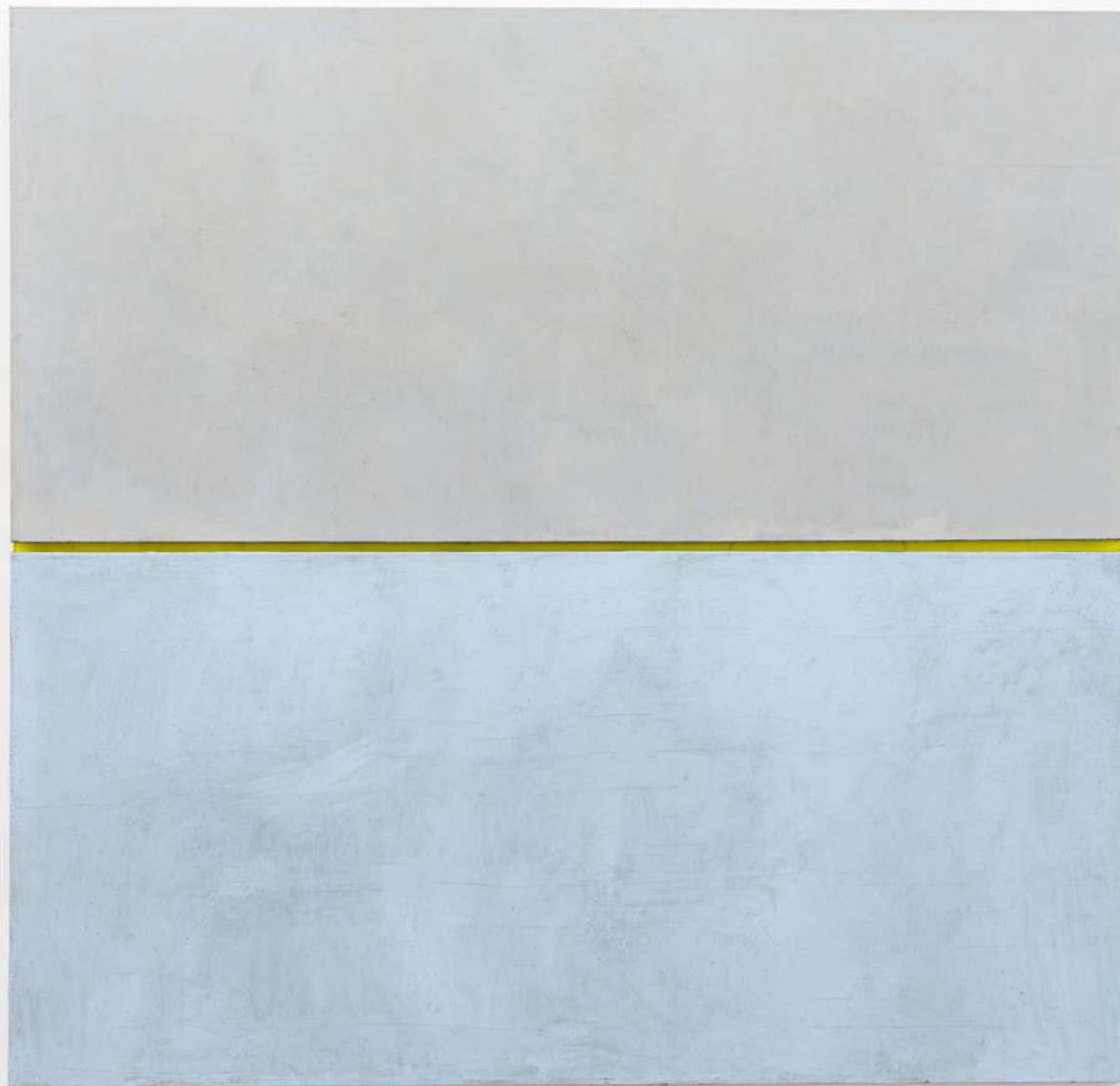


VÉRITÉ
MENSONGE DE LA PALISSE N° 1
ORIGINE FAUX LEGER
EXPERTISE PAR 

Robert Filliou
(Mensonge) *Vérité de la palisse n° 1*, 1978
papel, carimbo e pastel sobre colado
48 x 32 cm
18.9 x 12.6 in

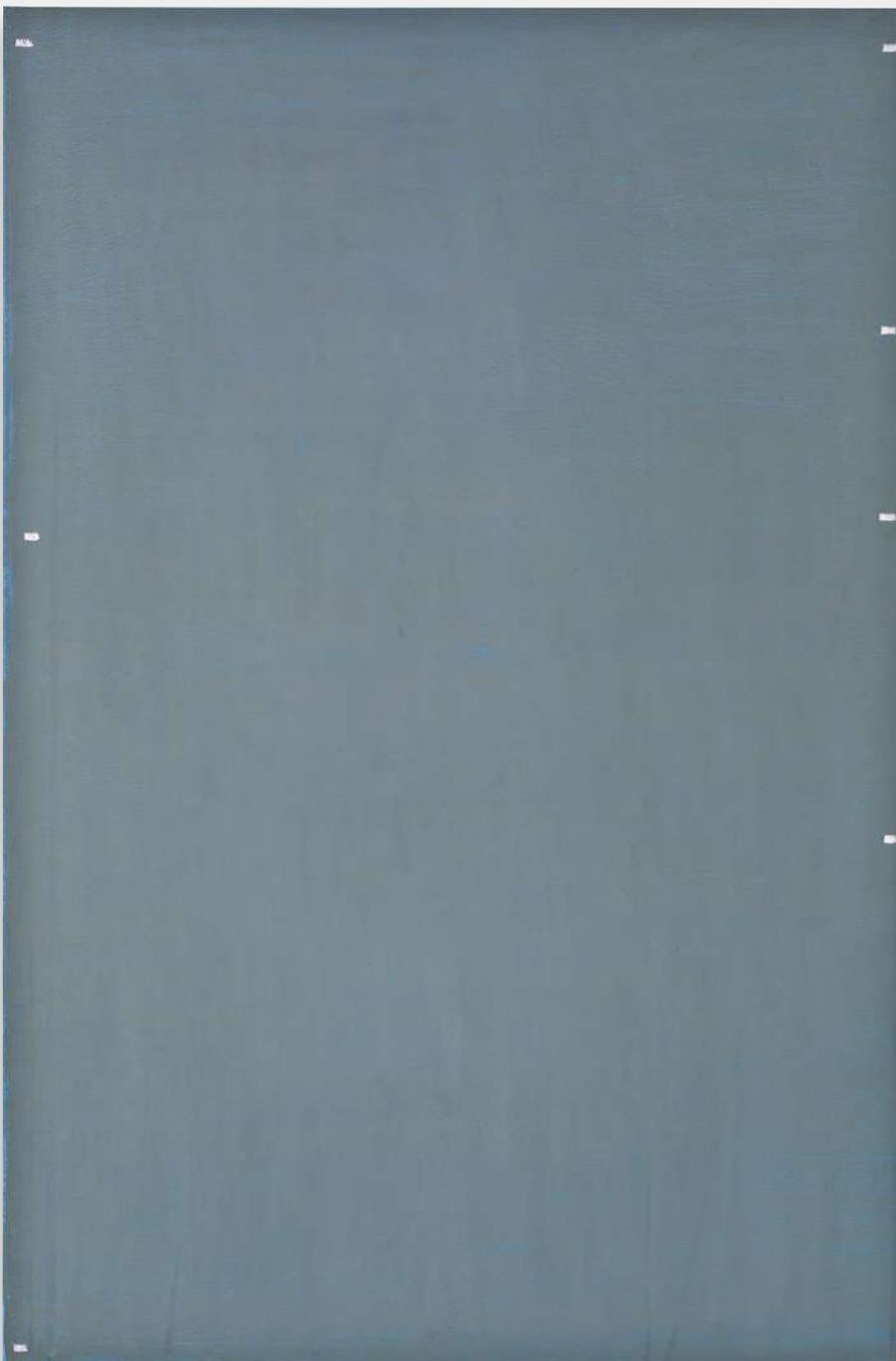
Sergio Sister e John Zurier estão entre os mais consistentes e interessantes pintores abstratos das Américas na atualidade. Por trás de sua produção recente, ambos têm longas carreiras de persistência numa das manifestações mais emblemáticas da arte moderna: o campo monocromático. A sua obra, variada e certamente não limitada apenas a trabalhos com uma única cor, poderia ser rotulada como pintura no pós-vida do monocromático. Contribuíram para enriquecer e complexificar o tradicional campo da abstração através do manuseamento sutil da impregnação de pigmentos, do tratamento rico das superfícies, da atenção magistral às ambiguidades da cor e, sobretudo, da abordagem das zonas liminares da pintura, em particular de suas margens. Mais ligado a uma tradição de modernidade ortogonal, Sister é conhecido pelos seus conjuntos de dípticos e trípticos ligados por ligações verticais estruturais que alternam a dominância da cor, produzindo um efeito de "linha orgânica" (à la Lygia Clark).

[mais sobre sérgio sister →](#)



Sérgio Sister
Sem título, 2020
óleo sobre tela
sobre alumínio
190 x 180 cm





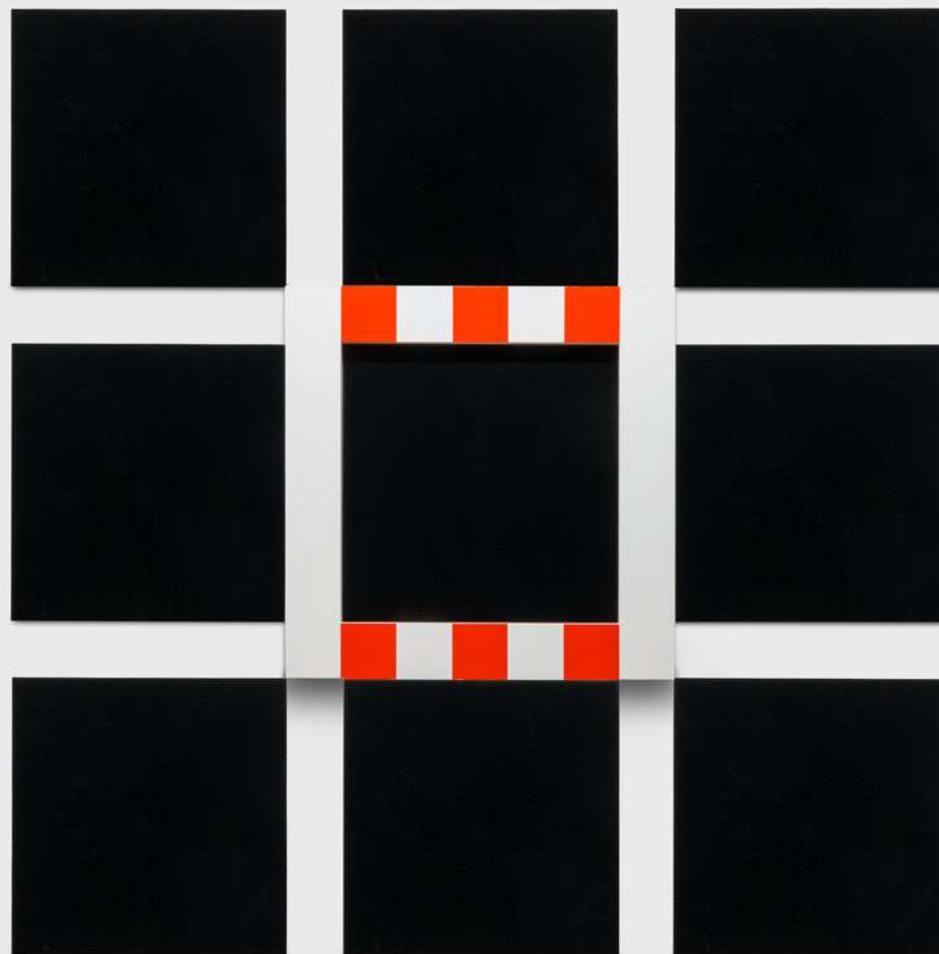
Zurier tende a ser mais atmosférico, dando prioridade à sutileza da marcação dentro de grandes campos coloridos, concentrando-se em efeitos inacabados de *sfumato* nas bordas e enfatizando expansões texturais de toques de cor através da superfície, onde a pincelada se torna um elemento estrutural da composição. Estes dois mestres partilham, cada um a partir da sua abordagem distinta da pintura, uma profunda afinidade estética. Eles se conheceram em 2012, por ocasião da apresentação individual de John Zurier na trigésima Bienal de São Paulo, *A iminência da poética*. Esta é a primeira vez que suas obras são mostradas juntas.

[mais sobre john zurier →](#)

John Zurier
After Brussels, 2016
tinta óleo sobre linho
198,1 × 132,1 cm

Conhecido por suas intervenções marcantes no espaço público, Daniel Buren levou a pintura – e, por conseguinte, o próprio conceito de arte - ao seu "grau zero", ou seja, a uma exposição estrutural que sublinha a neutralidade da sua identidade estética. As listras verticais, brancas e coloridas, são emblemáticas da produção inicial de Buren. São elementos mínimos de qualquer composição potencial e indicam as ferramentas críticas de Buren para uma desconstrução programática da pintura: o "dado", o lugar, o alinhamento, o "décor", a cor, o construtivo, etc. Desdobrando-se inevitavelmente através de numerosos aparelhos tridimensionais, a obra de Buren contribuiu aparentemente para o esgotamento e para a renovação da pintura enquanto conceito.

[mais sobre daniel buren →](#)



Daniel Buren
New Grids: baixo-relevo – DBNR n° 22, 2021
acrílico, adesivo de vinil vermelho,
mdf e tinta acrílica branca
147,9 × 147,9 cm



O interesse de Fábio Miguez pelas estruturas, frequentemente retiradas de composições primitivas do Renascimento, define uma pesquisa "arqueológica" só possível após a desconstrução conceitual da arte realizada pelos artistas no final do século XX. Miguez aborda a pintura tridimensional através do cenário desdobrável de uma mesa modular onde exhibe o seu repertório como um políptico material e um arquivo de

imagens. A estrutura explica a referência no título da obra ao "retábulo", enquanto aparelho histórico de exposição, com elementos geométricos ortogonais e, nomeadamente, linguagem. Entre Buren e Miguez, a mudez da pintura contrasta eloquentemente com o seu dispositivo arquitetônico, assinalando a função-chave de um aparelho físico situado, a riqueza da subjetividade da pintura e a sua potencialidade de denotação meta-verbal.

mais sobre abio miguez →



Fábio Miguez
Retábulo, 2017
óleo e cera sobre madeira e vidro,
elementos em aço inox
unique
274,6 × 137,8 × 32,1 cm (aberta)
74,2 × 39 × 17,2 cm (fechada)





CAMPO
JOGO
CIRCUITO
ARCO

VARAL
ÁRVORE
CASA
VAO

RETÁBULO

VAU
LARGO
FUNDO
CORO

LÍÇÃO
VELA
PAREDE
ÂNCORA

antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e *assemblages* típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano 'Arte Povera', entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2021 e 2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

janis kounellis

n. Piraeus, Grécia, 1936

m. Roma, Itália, 2017

Artista de origem grega, Kounellis iniciou a sua carreira em meados dos anos 1950, quando se mudou para Roma. No contexto do pós-guerra, ideias ligadas às propostas de Duchamp e do dadaísmo, como a utilização de materiais não artísticos e o interesse por fatores como a aleatoriedade, regressavam com grande força. Em suas obras do início dos anos 1960, empregou e representou em suas pinturas elementos amplamente presentes em placas e sinalizações urbanas, como números, setas e palavras. A partir de então, passou a empregar em seus trabalhos objetos escultóricos encontrados, diluindo a fronteira entre pintura e escultura, além de elementos pouco usuais, como animais vivos, fogo, sacos de estopa e passou a usar de suporte portas, janelas e estrados de cama. Integrou à chamada Arte Povera, ao lado de outros artistas importantes como Alighiero Boetti, Giuseppe Penone e Mario Merz, com quem compartilhava afinidades poéticas.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Jannis Kounellis*, Fondazione Prada, Milão, Itália (2019)
- *Jannis Kounellis*, The Negev Museum of Art, Be'er Sheva, Israel (2016)
- *Jannis Kounellis*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2009)
- *Kounellis*, Neue Nationalgalerie, Berlim, Alemanha (2007)
- *Opus I*, Albertina, Viena, Austria (2005)

exposições coletivas selecionadas

- *Arte Povera*, Hauser & Wirth, Nova York, Estados Unidos (2017)
- *4,543 Millions. La question de la matière*, CAPC Musée d'Art Contemporain de Bordeaux, Bordeaux, França (2017)
- *IMMAGINE. Nuove immagini nell'arte italiana 1960-1969*, Collezione Peggy Guggenheim, Veneza, Itália (2016)
- *Arts & Foods. Rituals dal 1851, La Triennale di Milano*, Milão, Itália (2015)
- *A Thousand Doors*, The Gennadius Library and Gardens, Atene, in collaborazione con la Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2014)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Staatliche Museen zu Berlin, Berlim, Alemanha

jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

mora e trabalho no Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”. — Jonathas de Andrade

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019)
- *Visões do Nordeste*, Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- 59ª Bienal de Veneza, Itália (2022)
- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- 12ª Bienal de Lyon, França (2013)
- New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA

sheroanawe hakihiwe

n. Sheroana, Venezuela, 1971

vive e trabalha em Pori Pori, Venezuela

Sheroanawae Hakihiwe é um artista Yanomami da Amazônia venezuelana. Desde a década de 1990 desenvolve um trabalho que visa resgatar a cosmogonia e as tradições ancestrais de seu povo: linhas retas, paralelas, curvas e pontilhadas, arcos, círculos, triângulos, grades, teias e anéis evocam insetos, animais, plantas e espíritos da floresta. Realiza também uma produção de papéis artesanais, bem como edição de livros elaborados com sua comunidade e, mais recentemente, tem feito desenhos de modo a representar esse universo.

Suas primeiras experiências artísticas foram em 1992, quando aprendeu a fazer papel artesanal com fibras nativas sob a orientação da artista mexicana Laura Barbata. Juntos, fundam o projeto Yanomami Owëmamotima (A arte Yanomami de fazer papel), uma iniciativa pioneira e auto-sustentável a partir da qual foram escritos, ilustrados e publicados os primeiros livros artesanais a partir de uma experiência comunitária coletiva.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Sheroanawe Hakihiwe*, Carpintaria, Rio de Janeiro (2021)
- *Puhi Tropao (Estar feliz)*, Museo del Diseño y la Estampa Carlos Cruz-Diez, Caracas, Venezuela (2016)
- *Porerimou (Viajar como espíritu invisible)*, Oficina # 1, Caracas, Venezuela (2013)
- *Etnias bajo la piel*, Escuela Nacional de Pintura, Escultura y Grabado La Esmeralda, Cidade do México, México (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Uma História Natural das Ruínas*, Pivô, São Paulo, Brasil (2021)
- *Bienal de Berlim – The Bones of the World*, Berlim, Alemanha (2019)
- *Le jour des esprits est notre nuit*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2019)
- *Amazonías*, Centro de Arte Matadero Madrid, Espanha (2019)
- 12ª Bienal de Xangai, Power Station of Art, Xangai, China (2018)

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica desenvolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou, sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *SAM Art Project*, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

asuka anastacia ogawa

n. 1988, Tokyo, Japão

vive e trabalha entre Nova York e Los Angeles, EUA

Asuka Ogawa cria grandes pinturas figurativas que retratam crianças andróginas em paisagens oníricas, cenas de outro mundo formadas a partir de campos de cor sólidos e imagens planares. Ogawa cria estas composições através de um exercício que abraça o impulso imediato e canaliza o sentido de curiosidade, admiração e brincadeira, primordiais na infância.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pedra*, Blum&Poe, Los Angeles, EUA (2023)
- *Feijão*, Half Gallery, Nova York, EUA (2017)
- *Soup*, Henry Taylor's, Los Angeles, EUA (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *5471 Miles*, Blum&Poe, Los Angeles, EUA (2020)
- *Don't Eat Me*, Deli Gallery, Nova York, EUA (2018)
- *Early 21st Century Art*, Almine Rech Gallery, Londres, Reino Unido (2018)

coleções selecionadas

- Nasher Museum of Art at Duke University, Durham, EUA
- X Museum, Beijing, China

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

mora e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória* – Spiegel und Erinnerung, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft, Lichthof – Auswärtiges Amt*, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

margot bergman

n. Chicago, EUA, 1934

mora e trabalha em Chicago

Ativa em Chicago desde o final dos anos 1950, Margot Bergman tem se debruçado nas últimas décadas em torno de dois corpos de trabalho: as séries *Wonderland* e *Other Reveries*. Para esta última, utiliza obras de arte preexistentes - normalmente encontradas em lojas de segunda mão ou feiras de antiguidades - às quais acrescenta apenas o suficiente para desenhar um retrato latente na imagem. Algumas das mais recentes apresentam uma estranha dupla face, ambas dirigidas diretamente ao espectador. Estas colaborações são alternadamente lúdicas, assombrosas, surrealistas, melancólicas e evocativas, revelando uma imaginação incrivelmente potente. Nas suas pinturas neo-expressionistas *Wonderland*, Bergman criou uma topografia pós-apocalíptica ou pré-histórica povoada por criaturas explosivamente animadas, incluindo coelhos, porcos, chacais e pássaros.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Margot Bergman*, Anton Kern Gallery, Nova York, EUA (2022)
- *Margot Bergman*, Museum Langmatt, Baden, Suíça (2019)
- *Greetings*, Corbett vs Dempsey, Chicago, EUA (2010)
- *Dancing with an Unknown Partner*, DeVos Art Museum, Marquette, EUA (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Chamber of the Heart – 30 Years Museum Langmatt*, Museum Langmatt, Baden, Suíça (2020)
- *Just Connect*, Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (2020)
- *Some Dialogue*, Illinois State Museum Chicago Galleries, EUA (2012)
- *Full Frontal*, Corbett vs. Dempsey, Chicago, EUA (2006)

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil, onde vive e trabalha

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rauschenberg, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rauschenberg ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *Al-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L'oeil écoute*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Frames and Documents: Conceptualist Practices*, Cisneros Fontanals Art Foundation – CIFO Art Space, Miami, EUA (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

robert filliou

n. Sauve, França, 1926

m. Les Eyzies, França, 1987

Artista prolífico desde a década de 1950, Filliou era autodidata, tendo se debruçado sobre disciplinas muito diversas, como economia (na qual se formou e trabalhou), filosofia, linguística, metafísica, budismo e a ciência. Considerando-se um "gênio sem talento", desenvolveu um corpo de trabalho muito amplo, que inclui peças de teatro, happenings, poemas, arte postal, escritos, assemblages, múltiplos, jogos, ambientes, filmes e vídeos. Privilegiava materiais simples - cartão, cordel, objetos encontrados, pequenos cartões, ferragens do cotidiano - para transmitir uma filosofia de "faça você mesmo". Se no início da sua carreira, nos anos 1960, as obras de Filliou eram de natureza mais performática, com o passar do tempo, realizou trabalhos de natureza material mais acentuada, como as suas instalações de tijolos –*Briquolages*– dos anos oitenta. Ao lado de artistas como George Maciunas, George Brecht, Emmet Williams e Ben Patterson, pertenceu ao Grupo Fluxus, estabelecendo com os mesmos um intenso processo de colaboração.

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Robert Filliou: Seule la Fete est Permanente - Works 1962-1984*, Peter Freeman Inc., Nova York, EUA (2018)
- *The Secret of Permanent Creation*, The Museum of Contemporary Art, Antwerp, Belgica (2017)
- Robert Filliou: Genio sin Talento, Museo de Arte Contemporaneo de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2003)

selected group exhibitions

- *Thing/Thought: Fluxus Editions 1962-1978*, MoMA, Nova York, EUA (2011)
- 11 Lyon Biennale of Contemporary Art, Lyon, França (2011)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA
- Centre Pompidou, Paris, France
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Netherlands
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Spain

sérgio sister

n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *Al-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

john zurier

n. 1956, Santa Monica, EUA

vive e trabalha em Berkeley, EUA e Reykjavik, Islândia

John Zurier é um pintor abstrato cuja carreira teve início na década de 1980. Suas pinturas são influenciadas pelo Expressionismo Abstrato, pela pintura francesa do pós-guerra e pela estética japonesa. Seus principais interesses residem na simplicidade, na modulação da superfície e na cor, uma vez que estas se relacionam com a passagem do tempo. Em sua poética são comuns pinturas abstratas de tons suaves, quase monocromáticas e minimalistas, cruzando a linha da representação com a sensação da natureza, o silêncio do tempo luminoso e o toque humano. Capturando qualidades de luz e efeitos atmosféricos, Zurier emprega uma série de pinceladas e tratamentos de superfície, variando entre revelar a textura da tela ou ocultá-la com camadas de empasto espesso.

[← voltar para obra](#)

exposições individuais selecionadas

- *John Zurier*, Galleri Opdahl, Stavanger, Noruega (2017)
- *Dust and Troubled Air*, Anglim Gilbert Gallery, San Francisco, EUA (2017)
- *John Zurier: Watercolors*, Galleri Gangur (The Corridor), Reykjavík, Islândia (2015)
- *Between North and Night*, Galerie Nordenhake, Estocolmo, Suécia (2015)
- *John Zurier Paintings 1998-2012*, 30 São Paulo Bienal de São Paulo: *A Iminência das Poéticas*, São Paulo, Brasil (2012)
- *John Zurier: Paintings*, Galeria Javier López, Madrid, Espanha (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *SottoPelle (under the skin)*, Galleria Annarumma, Nápoles, Itália (2017)
- *Be With Me, A Small Exhibition of Large Painting*, New Mexico Museum of Art, Santa Fe, EUA (2016)
- *Paper Trail: Contemporary Prints, Drawings, and Photographs from the Collection*, Colby College Museum of Art, Waterville, EUA (2015)
- California Biennial, Orange County Museum of Art, Newport Beach, EUA (2010)
- The 7th Gwangju Biennial: 2008 Annual Report, Gwangju, Coréia do Sul (2008)

coleções selecionadas

- Berkeley Art Museum, Berkeley, EUA
- Colby College Museum of Art, Waterville, EUA
- De Young Museum, San Francisco, EUA
- Farnsworth Museum, Rockland, EUA
- Moderna Museet, Stockholm, Suécia
- Museum of Fine Arts, Houston, TX, EUA
- Oakland Museum of California, Oakland, EUA
- Principia College, Elmhurst, IL
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA
- University of California, San Francisco Art Collection, San Francisco, EUA

daniel buren

n. 1938, Boulogne-billancourt, França, onde mora e trabalha

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista } e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de in situ nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

Recentemente, suas investigações evoluíram para o uso da luz como meio de produzir efeitos de cor em macroescala e de espelhos para alterar o espaço pela refração da imagem. Seu trabalho foi amplamente exibido internacionalmente, realizando apresentações icônicas, em mais de uma dúzia de edições da Bienal de Veneza, pela qual recebeu o Leão de Ouro por "Melhor Pavilhão", em 1986

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Daegu Art Museum*, Daegu, Coréia do Sul (2022)
- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos 'in situ'*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/ Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d'enfant, travaux in situ*, Musée d'Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)
- *The Eye of the Storm*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2005)
- *Le Musée qui n'existait pas*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2002)

exposições coletivas selecionadas

- *En Plein Air*, High Line Art, Nova York, EUA (2019)
- *La Collection (1)*, Highlights for a Future, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- *Documenta 7*, Kassel, Alemanha (1982)
- *Documenta 6*, Kassel, Alemanha (1977)
- *Documenta 5*, Kassel, Alemanha (1972)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, EUA
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

fabio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinao os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art